

PROFESSORES COM DEFICIÊNCIA E SUAS EXPERIÊNCIAS DE IN/EXCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL

Daiane Thomaz

dayanethomaz@hotmail.com

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Sonia Maria Ribeiro

soniaproesa@gmail.com

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Eixo temático: Educação Especial

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de conhecer como os professores com deficiência consideram suas experiências de inclusão na formação inicial. É uma pesquisa de cunho qualitativo, em que utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento para coleta de dados com cinco professores com deficiência, recém-formados em cursos de licenciaturas da UNIVILLE (Joinville/SC). Os principais aportes teóricos que constituíram a pesquisa foram Magalhães (2006), Manzini (2003), Cruz (2013), Falcão (2008). Os resultados prévios dessa pesquisa sinalizam para a falta de acessibilidade para os professores com deficiência física e que barreiras atitudinais, também estão presentes na universidade. Os dados mostram ainda que os professores quando na universidade contaram com atitudes colaborativas de seus amigos e que isso foi fundamental para que se sentissem incluídos. Salienta-se ainda que os programas institucionais de apoio ao aluno com deficiência na universidade têm contribuído na inclusão social desses acadêmicos que serão futuros professores.

Palavras-chave: Formação inicial. Professor com deficiência. Inclusão.

1. Introdução

Considerando que o Ensino Superior pode e deve ser considerado um espaço escolar no qual a educação é prevista, Magalhães (2006, p39) diz que:

A educação superior no Brasil além de temporã é elitista continuando como espaço para poucos privilegiados. Os extratos minoritários ou não hegemônicos da população como negros indígenas e pessoas com deficiência tem acesso restrito. Soma-se a isto o fato das possibilidades de acesso serem diretamente proporcionais a origem social e condições socioeconômicas dos alunos.

A expansão do Ensino Superior no Brasil se iniciou na década de 1930. Salienta-se que a universidade nessa época, objetivara atender a elite econômica e cultural, afastando-se das transformações pelas quais passava a sociedade. Na década de 1950 o ingresso ao ensino superior é ampliado como

consequência da modernização econômica decorrente da industrialização, da urbanização e das novas demandas surgidas com a ascensão das massas ao cenário nacional.

Pode-se dizer que essa ação amplificadora motivou a chamada “Reforma Universitária” em todos os níveis com a emenda da Constituição de 1988 por uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Após isso, leis e decretos foram contemplando os mais diversos aspectos educacionais, como já citados anteriormente.

Segundo Cruz (2013), no que rege a educação especial no ensino superior, nesse ciclo de ações, há a criação do Programa de Acessibilidade na Educação Superior, denominado Programa Incluir. O programa baseado no decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004, e no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, possui a proposta de fomentar ações e garantias ao acesso pleno de pessoas com deficiência às instituições federais de ensino superior, visando a integração de pessoas com deficiência à vida acadêmica, a eliminação de barreiras comportamentais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicação à educação.

Entretanto, as pessoas com deficiência ainda encontram diversas barreiras que impedem a sua inclusão nas diferentes áreas de inclusão social. Falcão (2008, p 212) evidencia:

Embora haja um movimento mais generalizado de inclusão desse alunado na escola regular, quando se fala em sistema de ensino, o discurso da Educação Inclusiva fica geralmente restrito à Educação Básica. E quanto a inclusão dessas pessoas nas instituições de Ensino Superior? Os estudos que investigam essa questão são ainda escassos, em cenário onde há u aumento gradativo de pessoas com necessidades especiais ingressando em cursos de graduação e pós-graduação nas diferentes universidades de todo o país.

O autor acrescenta ainda que o conceito de uma universidade inclusiva não consiste apenas no ingresso de alunos com deficiência, mas, sim, em uma nova visão da mesma, antevendo em seu projeto pedagógico: currículo, metodologia, avaliação, atendimento educacional especializado, etc. Ações que contribuam, em sua plenitude, a inclusão social, através de práticas heterogêneas adequadas à diversidade dos alunos.

Nesse contexto, é inquestionável o fato de que a universidade tem papel fundamental na construção da sociedade e conseqüentemente no trabalho e inclusão educacional e social. Sabe-se também que apesar de o ingresso do aluno com necessidades educacionais especiais na universidade representar um avanço, ainda há muito trabalho a ser feito para que se concretize sua inclusão plena (CRUZ, 2013).

A partir desta breve introdução, este estudo está estruturado nas seções de metodologia, discussão dos dados e considerações finais. Tendo como base a estrutura anunciada, apresentamos a metodologia utilizada.

2. Metodologia

Este trabalho faz parte da pesquisa de dissertação, intitulada: “Professores com deficiência: desafios do trabalho docente”, vinculado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE, por sua vez cadastrada junto ao Grupo de Pesquisa: Educação inclusiva no ensino superior: avanços e desafios – PROINAD. Considerando o recorte realizado para este artigo, apresentaremos dados abordando as relações entre o processo de formação inicial e os desafios que estes professores vivenciaram no trabalho docente. Portanto, as experiências de in/exclusão desses professores recém-formados, emergiram das respostas do primeiro eixo da dissertação.

A pesquisa é de abordagem qualitativa e a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos dessa pesquisa são cinco professores com deficiência, quatro professores com deficiência física (P1,P2,P3,P5) e um com deficiência visual (P4), egressos dos cursos de licenciaturas da UNIVILLE. Estes professores se formaram a partir do ano de 2008, e estão exercendo sua profissão. O ano de 2008 foi escolhido por ter sido o ano em que teve início o projeto PROINES – Projeto de Inclusão de Pessoas com Necessidades Especiais no Ensino Superior, coordenado pela professora Sonia Maria Ribeiro, sendo que somente após este ano é que os registros dos alunos com necessidades especiais na UNIVILLE se reafirmaram.

Após listagem disponibilizada pela Central de Atendimento Acadêmico da UNIVILLE, que enviou os relatórios das matrículas dos acadêmicos matriculados a partir do ano 2008, constatou-se um total de dezoito professores com deficiência que poderiam compor a amostra dessa pesquisa. Após entrar em contato com os professores via telefone, apenas cinco deles constituíram-se sujeitos dessa pesquisa. Dois não estavam trabalhando, três mudaram para outras localidades sem deixar contato, dois não quiseram fazer parte da pesquisa e seis estão trabalhando em outros segmentos, portanto, não estão exercendo a profissão docente.

De posse dos nomes dos cinco professores sujeitos dessa pesquisa, retornamos as ligações com o objetivo de marcar os locais das entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada professor. Vale destacar que os professores foram muito receptivos em atender e participar da pesquisa.

Os dados foram organizados em uma planilha, por pergunta que, posteriormente, foram agrupadas por questão de pesquisa para análise, utilizando da técnica de análise de conteúdo (FRANCO 2012). Para fins deste trabalho, serão apresentados os resultados que circunscrevem as experiências de in/exclusão desses professores com deficiência, quando na formação inicial.

3. Professores com deficiência e a formação inicial: discussão parcial dos dados

O acesso e permanência do alunado com deficiência na universidade ainda apresenta diversas barreiras, é inquestionável o fato de que a universidade tem papel fundamental na construção da sociedade e conseqüentemente no trabalho e inclusão educacional e social. Sabe-se também que apesar de o ingresso do aluno com necessidades educacionais especiais na universidade representar um avanço, ainda há muito trabalho a ser feito para que se concretize sua inclusão plena (CRUZ, 2013).

Ao perguntar aos professores, sobre como foi à experiência deles na universidade, nessa perspectiva da educação inclusiva, emerge na fala dos sujeitos algumas fragilidades da instituição.

No primeiro ano foi mais difícil, porque eu usava muletas, mas no segundo já foi melhorando, e os amigos sempre ajudaram muito (P1) Não eram todas as adaptações necessárias, para mim pelo menos, mas ela já tinha rampa, né, de acesso para os cadeirantes, mas em outro bloco [...] Pra mim foi, é difícil no início né, e eu sofri o acidente no segundo ano, mas eu tive muita ajuda dos amigos, principalmente na questão de locomoção, a ida até a universidade, sempre tinha carona pra ir e voltar[...]nos primeiros meses eu não usava prótese, então foi importante, e a adaptação para muleta né, é mais difícil. A sala era no segundo pavimento, então eu ia de escadas, depois que peguei o jeito aí foi mais fácil. As carteiras também, dificultou um pouco, eu tive que levar algum material de casa. Mas eu não tive problemas, só isso mesmo, ela me tratou como um aluno comum e isso é importante. (P3)

Eles me deram alguns recursos, mas não me deram tudo que eu precisava, enfim... Não está preparada, a universidade não está preparada ainda, os professores não estão preparados, os alunos são muito mais preparados que os professores. A minha maior receptividade na Univille, foi dos meus colegas. É claro, alguns professores são maravilhosos. Pensa, uma vez colocaram filme em língua estrangeira, e eu pedi para por dublado, e a professora fala que gosta de ver o filme em língua original. Tá, mas eu não enxergo, eu não posso ver a legenda, você tem que por dublado. (P4)

As respostas dos professores possibilitam algumas reflexões importantes, uma é sobre sua relação com os colegas que são relatadas de forma positiva, desse mesmo modo podemos considerar a pesquisa de Mathias Netto (2005) a autora acompanhou a formação da primeira professora surda no curso normal do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC) e constatou que alguns pares foram fundamentais no processo de escolarização da Professora com deficiência auditiva, como a presença de amigos e professores disponíveis, em especial a presença de uma amiga que aprendeu LIBRAS, para poder ajudar e se comunicar com a professora. Nesse contexto Maturana (2002, p.47) comenta que:

O social é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua. Se não há aceitação mútua e se não há aceitação do outro, se não há espaço de abertura para que o outro exista junto de si, não há fenômeno social.

Outra constatação que emerge na fala do sujeito P4 é a atitude de indiferença da professora formadora ao exibir durante a aula um filme legendado, sabendo das limitações da acadêmica com deficiência visual em

sala. A questão do olhar é discutida por Barros (2003) que diz que o olhar é um instrumento que serve para refutar as diferenças e lutar contra as resistências. A mesma autora reflete ainda que pior que o olhar da discriminação é aquele que oculta a realidade, o olhar da indiferença em relação ao outro. O mesmo toca de forma silenciosa e fere o outro.

Glat e Pletsch (2004, p.5) trazem contribuições interessantes sobre as questões que permeiam a Educação Inclusiva no Ensino Superior:

O grande desafio posto para a universidade é formar educadores que não sejam apenas instrumentos de transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, de novas atitudes frente a diversidade humana. Além disso, devem ser preparados para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos não só para os alunos considerados especiais, mas para todos os integrantes da sua classe.

O professor P3 em seu relato considera que o acesso a sua sala de aula era difícil, e que a ajuda dos amigos foi de bastante valor, para a adaptação em todos os sentidos naquele momento. A questão da acessibilidade emerge da fala do professor e afirmam o quão mal adaptadas as escolas estão em relação à inclusão das pessoas com deficiência. Mas, apesar dessa barreira o professor sentia-se acolhido, principalmente por contar com seus colegas de turma. O professor ao final da sua fala diz que foi importante a universidade como um todo tratá-lo “como um aluno comum”.

Manzini (2003) traz pontuações pertinentes, o autor comenta que o tema acessibilidade, no Brasil, recebeu ênfase nos eventos científicos a partir de 2001. Numa nova visão do conceito de acessibilidade e inclusão social, o autor apontou que o termo acessibilidade estaria muito associado às barreiras arquitetônicas e ligado ao conceito de inclusão. O que para ele é coerente. Contudo, acrescenta que em um ambiente acessível pode não ocorrer à inclusão social. O contrário também é verdadeiro: num ambiente com muitos obstáculos e barreiras arquitetônicas, pode por meio de uma rede de relações de ajuda mútua e de cooperação, tornar-se possível promover a inclusão social das pessoas com deficiência.

A fala do professor P2 mostra o lado positivo das experiências de inclusão na universidade.

Houve esse cuidado de estar lidando com as pessoas com deficiência física, e acima de tudo, incluindo elas né?! Não somente depositando elas no espaço social e fazendo com que elas sejam agregadas, mas com o devido respeito. Acho que o PROÍNES um programa para incluir pessoas com deficiência na universidade colaborou com isso.(P2)

A partir dessa fala, podemos sugerir que os programas existentes na universidade podem estar contribuindo para essa efetiva inclusão.

4. Considerações finais

Diante o exposto, antes de apresentar as considerações finais julga-se adequado o resgatar o objetivo inicial: conhecer como os professores com deficiência consideram suas experiências de inclusão na formação inicial, em síntese podemos fazer algumas inferências após análise dos dados preliminares. Uma delas estava relacionada às barreiras atitudinais de professores/formadores, sendo que estes por falta de flexibilidade infringiram um dos aspectos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem que foi o de oportunizar o acesso ao conteúdo de uma acadêmica com deficiência visual. Outra constatação volta-se à infraestrutura da universidade, que precisa estar adequada às necessidades desse alunado, no entanto, parece que as atitudes colaborativas vêm a amenizar os efeitos negativos das barreiras arquitetônicas.

Fica evidente que quando a deficiência é física, os problemas não comprometem as atividades acadêmicas, no entanto, o processo de aprendizagem da aluna com deficiência visual ficou comprometido devido ao fato do professor não promover de forma inclusiva seu método de ensino.

Percebeu-se que o programa PROINES, cujo objetivo é atuar diretamente com os alunos com deficiência matriculados na instituição, com os agentes administrativos e os professores que possuem em suas disciplinas alunos com deficiência, ou seja, a comunidade acadêmica como um todo, tem trazido resultados positivos, conforme a fala de um professor entrevistado.

A partir dessas indicações, há um caminho longo a ser percorrido no que rege a educação de pessoas com deficiência no ensino superior, principalmente em resignificar a concepção de inclusão e conceber a diferença como um direito a ser respeitado.

REFERÊNCIAS

BARROS, A.C, de C. **Faces e contrafaces dos educadores com deficiência**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia. 187 f.2003.

CRUZ, R.A.S. Políticas públicas de educação especial: o acesso de alunos com deficiência, da educação básica ao ensino superior. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: Edufscar, 2013. p. 242.

FALCÃO, F.D.C. Educação inclusiva na UERJ: o ingresso de alunos com necessidade educacionais especiais no ensino superior – uma prática em construção. In: ALMEIDA, M.A. **Temas em educação especial: múltiplos olhares**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin. 2008.

GLAT, E PLETSCHE, M.D. O papel da universidade frente às políticas públicas para educação inclusiva. **Revista Benjamin Constant**. Ano 10, n.29, p3-8, 2004.

MAGALHÃES, R.C.P. Ensino superior no Brasil e inclusão de alunos com deficiência. In: VALDÉS, M.T.M. (org). **Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil: caminhos de desafios**. Fortaleza: EDUCERE, 2006. p. 39.

MANZINI, E.J. Introdução. In: MARQUEZINE, M. C, et al (org) **Educação física, atividades motoras e lúdicas, e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais**. Londrina: Eduel, 2003,v.9.

MATHIAS NETTO, S. M. C. **IEPIC, Vidanorma: a inclusão e a formação da primeira professora surda em 2004**. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado. 2005

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.**
Belo Horizonte: UFMG, 2002.